



UM BEIJO DO

# GORDO

ATORES, MÚSICOS, PERSONALIDADES DO MUNDO POLÍTICO E JORNALISTAS REVERENCIAM O TALENTO DE JÔ SOARES, HUMORISTA, ATOR, APRESENTADOR E ESCRITOR, QUE MORREU NA MADRUGADA DE ONTEM, AOS 84 ANOS, EM SÃO PAULO

» RICARDO DAEHN  
» PEDRO IBARRA  
» PEDRO ALMEIDA\*

O Brasil amanheceu sem o beijo do gordo. Jô Soares morreu, aos 84 anos, depois de sete dias internado com pneumonia no Hospital Sírio Libanês, em São Paulo. Um dos nomes mais importantes do humor e do jornalismo brasileiros, Jô se tornou uma referência da televisão, marcou gerações durante os mais de 60 anos de carreira e construiu uma trajetória brilhante na qual entram, além do riso e do jornalismo, a literatura, o cinema, a pintura e o teatro.

Jô Soares morreu, ontem, às 2h20. A família optou por não divulgar a causa da morte. Em entrevista ao *Balanço Geral da Manhã*, na Record, a apresentadora Adriane Galisteu afirmou que o humorista “estava em um momento delicado de saúde. Fazia um tratamento complicado, com a idade avançada, ia e vinha do hospital”. Segundo a Globo, o ex-apresentador tratava uma pneumonia. Sabe-se que vivia recluso em um apartamento em Higienópolis, bairro nobre de São Paulo. A última aparição pública foi em fevereiro de 2021, quando o humorista foi ao posto de saúde montado no estádio Pacaembu para tomar a vacina contra a covid-19.

Ainda que, na carreira de espetáculos-solo, Jô tenha excursionado, no passado, com *Ame um gordo antes que ele acabe*, a verdade é que se tornou uma figura inesgotável. “Não é uma morte, e, sim, uma vida para ser celebrada. Por mais de 60 anos, Jô Soares impactou de forma definitiva o Brasil. Para mim, veio a grande referência de ver um gordo na televisão. Li, muitas vezes, aquele livro do astronauta (*O astronauta sem regime*), e que, marcante, trazia um gordo na capa”, comentou o humorista Paulo Vieira, ao *Correio*. A abertura de portas para a diversidade foi constante. A cartunista Laerte Coutinho usou as redes para lembrar que, em 2011, foi entrevistada pelo mestre, quando ela, pela primeira vez, veio a público “no feminino”.

Enquanto Caetano Veloso destacou a evidente habilidade da comunicação de Jô Soares, o compositor, produtor musical e escritor Nelson Motta mandou o “Beijo no gordo!”. Nas redes, avaliou: “Jô querido, você não só alegrou e divertiu o Brasil, você iluminou e educou pelo humor milhões de brasileiros. Com sua inteligência e humanismo você jogou luz sobre valores importantes — desmoralizando preconceitos e defendendo a democracia”. Pelé, o rei do futebol, se manifestou para lembrar da jocosa experiência de cinema, em *Os trombadinhas* (feito em 1979 pelo premiado Anselmo Duarte), no qual seu personagem se autoproclamava Jô Soares. O rei grafou: “Jô era um grande amigo, inteligente, perspicaz, bem humorado e que

Priscila Prade/Divulgação



adorava uma boa conversa. Apesar daquela famosa fala do filme; não, eu não sou Jô Soares. Mas, como profundo admirador, eu adoraria ter sido”.

O ator Ary Fontoura contracenou com Jô Soares nos programas *Faça humor*, *não faça guerra* e *Viva o Gordo*. Ele destaca o tamanho da perda para o Brasil: “Como ele fará falta! Mas temos que nos conformar com esta morte profundamente sentida, e que nos surpreendeu. Precisamos celebrar a vida, e transformar tudo numa grande saudade. Inteligentíssimo, Jô sempre estava de bom humor. Ele deve estar nos braços de Deus, e deve estar tudo muito divertido por lá”.

Ainda no meio virtual, a apresentadora Ana Maria Braga se disse honrada pela convivência, destacando que o dia de ontem havia amanhecido “mais sem graça”. A familiaridade do comediante com todas as faixas de público foi ressaltada por Patrícia Poeta. “Seu talento atravessou gerações. Era um profissional incrível: humorista, escritor, diretor, apresentador”, observou a global. A perda do humorista atravessou mares, como enfatizou texto atribuído à Presidência de Portugal: “Seus sketches ficaram famosos, algumas expressões entraram mesmo na linguagem corrente, fez-nos rir e pensar durante anos, um grande obrigado a Jô Soares, que hoje saiu de

cena, mas não dos nossos corações, nem das nossas memórias”, escreveu o presidente Marcelo Rebelo de Sousa.

## Domínio absoluto

Do vasto trabalho de Jô Soares, a inovação, a irreverência e a generosidade se destacam. Foi com essas qualidades que o apresentador criou no início dos anos 2000 o quadro *Meninas do Jô*, dentro do próprio programa da TV Globo. Em 2012, Cristina Senra, na época repórter de política em Brasília, recebeu a proposta de fazer parte da bancada. “O Jô Soares foi quem acreditou que eu poderia ser comentarista de política”, diz a jornalista, que passou os quatro últimos anos do Programa do Jô convivendo intensamente com o apresentador. “Foi incrível, minha vida profissional é separada em antes do Jô e depois do Jô. Eu mesma descobri que sabia fazer análise política, muito estimulada por ele”, adiciona.

Cristina, além de fã do artista, desde os tempos de crianças, se tornou amiga da pessoa que era Jô. “Conviver com Jô foi uma experiência de generosidade, respeito e amorosidade”, conta a analista política. “Agora, o que eu tenho é uma profunda gratidão, um legado imenso deixado por ele, lembranças maravilhosas e uma saudade, que é eterna”, finaliza.

O escritor e editor Luiz Schwarcz,

fundador da editora Companhia das Letras, foi o responsável por convencer Jô Soares a escrever a biografia *O livro de Jô*. Foi preciso um tempo e alguma lábia para que o humorista chegasse à conclusão que sim, sua vida tinha a relevância de atravessar a história da televisão e do teatro brasileiros. Luiz era muito amigo de Jô e a amizade teve papel importante nesse convencimento. “Jô foi um amigo fidelíssimo, presente e até ciumento. Sua perda é inestimável”, observou Schwarcz, ao *Correio*. Sobre a participação no convencimento do amigo a escrever a autobiografia, lançada sob a alcunha de *O livro de Jô: uma autobiografia desautorizada*, o editor abriu mão do mérito e enalteceu o artista: “Quem abriu espaço para ele foi ele próprio, com seu talento singularíssimo. Não cabe mérito a nenhum editor, mas a ele e seu co-autor, Matinas Suzuki Jr”.

Uma referência absoluta na vida de Fábio Porchat, Jô Soares, ainda no início dos anos 2000, estendeu o tapete vermelho para a primeira oportunidade de brilho televisivo do colega, à época, anônimo. Porchat refletiu sobre a grande perda: “O Brasil sem o Jô é um Brasil sem graça. Um Brasil em preto e branco, é um Brasil sem força”. A genialidade seguiu atestada: “Jô era meu youTUBE da época. O que acontecia no programa dele, acontecia no país. Jô sempre foi um exemplo de pessoa

engraçada, brilhante, extrovertida e generosa”. A gratidão vem embasada pela conscientização coletiva. “Quando penso nele... penso em todas as pessoas que eu conheci, por meio do Jô. Eu, pessoalmente, devo muito a ele: foi o cara que me fez descobrir que fazer os outros rirem é uma missão, uma função primordial, ainda mais num país como esse”.

A sagacidade de mesclar erudição e uma verve esclarecedora sempre resultou na imensa popularidade de Jô Soares, que esteve no filme de *Giovanni Improtta* (2011), comandado por José Wilker; foi redator de programas estrelados por atores de primeira linha, como Paulo Autran e Tônia Carreiro (*TV Mistério*) e se viu ainda aliciado pelo cinema marginal, com *A mulher de todos* (dirigido por Rogério Sganzerla, estrelado por Helena Ignez, em 1969). Com parte da vida passada em anexo ao Copacabana Palace, o rapaz cuja família almejava que se tornasse diplomata, seguiu mesmo o impulso de se estabelecer com embaixador do riso.

## Ponte para o riso

Entre as versáteis funções de entrevistador expoentes estrangeiros, em programa de Hebe Camargo, e a vontade de encampar entrevistas de rua (para o *Silveira Sampaio Show*), Jô Soares sempre despontou como figura singular, com missões especiais — caso do agente do serviço secreto vivido em *O homem do Sputnik* (1958), de Carlos Manga, e ainda *O pai do povo* (1976), uma sátira apocalíptica e política dele, em que, com a iminente extinção da humanidade, defende o destino do único homem fértil (Augusto Olímpio) a se apresentar como uma esperança.

Destaque em *Viva o gordo*, a atriz Nina de Pádua, que migrou para o SBT, levada por Jô Soares, enfatiza que é “difícil falar do ‘José, Eu gênio (referência ao nome de batismo de Jô)’, porque ele era um gênio”. Emocionada, Nina fica feliz em ver que Jô cumprira a trajetória dele “brilantemente”. “Jô parte do planeta, deixando um rastro de luz, de alegria, de risadas, de felicidades. Eu tinha um sonho de poder ainda ser dirigida por ele no teatro. Fica meu agradecimento a ele, e um abraço aos familiares. E, um beijo, Jô — muita luz. E até daqui a qualquer hora. Obrigada, querido”, comentou.

Com “um beijo do magro”, o rapper, cantor e letrista Emicida, via redes sociais, desejou que “a terra lhe seja leve mestre (Jô)”. Particular amante do jazz, Jô Soares foi homenageado por artistas consagrados da música como Marisa Monte, que qualificou o caráter de lorde do artista, sempre “gentil”. Carlinhos Brown complementou: “Jô (...) deixa a Terra para ascender às luzes mais bem-humoradas”.

\* Estagiário sob a supervisão de Severino Francisco

» ISABEL DOURADO\*

Um dos pioneiros do formato talk show de entrevistas, Jô Soares sempre dedicou ao jornalismo um espaço de destaque em sua agenda recheada de projetos artísticos e culturais. Com humor e inteligência, o programa Jô Soares 11 e meia, que estreou no SBT em 1988, fez história e abriu novos caminhos para a análise da vida contemporânea. A poltrona em que recebia seus convidados era, antes de tudo, democrática. Quem era notícia, independentemente do viés político, inapelavelmente se rendia à sedução do entrevistador mais carismático da televisão brasileira. Ontem, o poder sucumbiu à tristeza.

“Jô Soares foi um dos atores, autores, comediantes e entrevistadores mais talentosos da história do nosso país. Uma pessoa generosa que por anos conduziu entrevistas que foram um importante espaço de debate para o país. Fui entrevistado por ele várias vezes, sempre com independência e disposição de ouvir o entrevistado”, declarou o ex-presidente Lula, em suas redes sociais.

Até o presidente Jair Bolsonaro, que não costuma se manifestar quando o país perde alguém ligado à cultura ou ao pensamento crítico, relembrou o encontro com

## Uma poltrona democrática

Reprodução



Jô Soares e Bolsonaro em entrevista: o humorista questionou a apologia da tortura e da ditadura

um de seus mais agudos críticos — foi chamado de “rei dos animais” pelo apresentador por suas posturas radicais de defesa da ditadura militar. “Jô sempre fez bom uso do seu direito de livre expressão. Por muitas vezes teceu duras críticas contra mim, inclusive. Mas foi por viver num país livre, não em um regime autoritário, que ele pode exercê-lo integralmente. Essa é a beleza da democracia. No fim das contas,

as divergências pouca diferença fazem na hora de nossa partida para perto de Deus. O que fica são as nossas obras, e Jô Soares deixa para o Brasil um exemplo de postura, elegância e bom humor, e por isso, tem o meu respeito”, disse o presidente.

A ex-presidente Dilma Rousseff lembrou o espírito democrático do entrevistador. “Escritor notável, humorista brilhante e um entrevistador sensível,

Jô foi um artista e intelectual de grande dimensão.” Ela ainda comentou que, quando estava sob intenso ataque da mídia, pouco antes do processo de impeachment, Jô fez questão de ouvi-la.

“Sua inteligência, sua cultura e, sobretudo, a capacidade de descobrir e criar o humor fizeram dele uma referência difícil de ser substituída no teatro e na televisão”, declarou, por nota,

o ex-presidente José Sarney, que criou laços de amizade com o apresentador.

No Supremo Tribunal Federal, o presidente da Corte, Luiz Fux, e o ministro Dias Toffoli também se manifestaram. “Em nome do Supremo Tribunal Federal, lamento a morte do humorista, ator, jornalista e intelectual, Jô Soares. Grande nome da televisão brasileira, deixará uma marca eterna na cultura do nosso país”, declarou Fux, em nota.

“Jô deixa também o exemplo de um homem curioso, sempre disposto a aprender, generoso e apaixonado pela vida. Para seus fãs e amigos, ficam as lembranças de uma coleção interminável de risos e momentos inesquecíveis”, postou Toffoli.

No Congresso, os chefes das duas Casas legislativas também lamentaram. Arthur Lira, da Câmara dos Deputados, disse que “o Brasil perdeu um artista multifacetado, de tanto talento reconhecido, que conquistou o público e marcou seu tempo”. O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, no Twitter, também lamentou: “O Brasil perde Jô Soares, um dos maiores comunicadores de nossos tempos. Já foi apresentador, humorista, diretor, escritor de livros e dramaturgo. Sua trajetória é parte da cultura brasileira.”

\* Estagiária sob a supervisão de Vinicius Doria